FORMAÇÃO DOCENTE EM PERSPECTIVAS DECOLONIAIS: EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA-FORMAÇÃO COM PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO AMAZONAS (MANAUS - AM)

LUCILENE DACIULIS CAETANO

RESUMO
Este trabalho investiga a formação docente a partir de perspectivas decoloniais, enfocando experiências de pesquisa-formação com professores da Educação Infantil em Manaus, Amazonas. A pesquisa busca compreender como os saberes locais, as práticas pedagógicas e os contextos socioculturais amazônicos influenciam os processos formativos. Com base em uma abordagem qualitativa e colaborativa, o estudo propõe uma ruptura com modelos eurocentrados de formação docente, valorizando os conhecimentos construídos no território e pelas vivências dos professores. A proposta contribui para a construção de uma pedagogia crítica, situada e comprometida com a transformação social. Este estudo também analisa as tensões e possibilidades que emergem nos encontros entre docentes e pesquisadores, enfatizando o papel do diálogo e da escuta ativa como fundamentos éticos e epistemológicos. As experiências vividas pelos professores são compreendidas como espaços de produção de conhecimento, desafiando a lógica tradicional de transmissão de saberes. A pesquisa valoriza narrativas e práticas pedagógicas situadas, buscando construir processos formativos mais sensíveis às realidades amazônicas. A perspectiva decolonial adotada questiona as hierarquias de saber e propõe novas formas de pensar a docência. Dessa forma, o trabalho contribui para reconfigurar a formação de professores em contextos periféricos.
Palavras-chave: Formação docente; Decolonialidade; Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

A formação de professores da Educação Infantil, especialmente em contextos periféricos como o da Amazônia, exige ser compreendida para além de um modelo técnico e prescritivo. Em vez disso, é necessário assumir a formação como um processo político, histórico e situado, permeado por experiências vividas, memórias e resistências dos sujeitos que nela atuam. Neste sentido, o presente projeto tem como objetivo investigar as experiências de pesquisa-formação com professores da Educação Infantil em Manaus (AM), com base em uma perspectiva decolonial que valorize os saberes locais, os territórios e as histórias que compõem o fazer docente.

A formação docente ainda se mostra atravessada por heranças coloniais que excluem ou inferiorizam os saberes populares e originários. (BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS 2010) aponta que: a grande maioria dos conhecimentos válidos no mundo foi produzida no Norte global, e o conhecimento do Sul, mesmo quando reconhecido, é sempre visto como subordinado.

A descolonização do conhecimento, portanto, demanda a criação de espaços de legitimação para essas epistemologias outras, o que só pode ocorrer quando a formação se abre para o diálogo com os sujeitos e suas realidades.

(CATHERINE WALSH 2009) propõe a ideia de "insurgência pedagógica" como um movimento que rompe com as lógicas eurocentradas de ensinar, defendendo que: é preciso desobedecer epistemicamente às formas hegemônicas de conhecimento, criando espaços para a existência de outras racionalidades".

Nesse contexto, a pesquisa-formação com professores da Educação Infantil em Manaus se apresenta como uma possibilidade potente de reconfigurar o olhar sobre o que é conhecimento válido na escola e sobre quem tem o direito de ensiná-lo.

A perspectiva de pesquisa-formação adota aqui se ancora na noção de experiência, tal como desenvolvida por (LARROSA (2002), que afirma "Experiência é aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, ou que nos chega".

Ao considerar a experiência dos professores como elemento central da formação, desloca-se o foco da normatização e do controle para a escuta, a partilha e a transformação subjetiva que se dá no encontro com o outro.

Seguindo esse caminho, PAULO FREIRE (1996, p. 36) nos ensina que:

Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo". Assim, a formação de professores deve ser compreendida como um processo dialógico, em que os sujeitos aprendem em comunidade, trocando saberes e enfrentando, juntos, as opressões que permeiam suas trajetórias.

Dessa forma, a presente pesquisa busca entender como os professores da Educação Infantil, em suas múltiplas trajetórias e pertencimentos, vivenciam e produzem sentidos para sua formação por meio da pesquisa, considerando os contextos socioculturais amazônicos e os desafios cotidianos da prática pedagógica. A escuta dessas experiências será central para pensar caminhos que fortaleçam uma formação plural, crítica e decolonial, capaz de afirmar os direitos à diferença e à justiça cognitiva

DESENVOLVIMENTO

A escolha deste tema se justifica pela necessidade urgente de compreender e valorizar as experiências formativas de professores da Educação Infantil no contexto amazônico, sobretudo a partir de uma perspectiva decolonial que reconheça as pluralidades socioculturais, históricas e epistemológicas presentes na região. Manaus, como capital do Amazonas, é um território que sintetiza tensões e potências no campo educacional, onde se cruzam saberes indígenas, ribeirinhos, urbanos periféricos e acadêmicos. A formação docente nesse contexto não pode ser pensada a partir de modelos hegemônicos e coloniais que desconsideram a realidade local, mas sim construída com base na escuta, no diálogo e na valorização das experiências dos sujeitos que educam.
O apagamento histórico das culturas e epistemes originárias e populares está profundamente enraizado nas práticas formativas e curriculares. A perspectiva decolonial, conforme propõe Catherine Walsh, convida à ruptura com os paradigmas eurocentrados, e à insurgência pedagógica como um caminho para pensar a formação docente como prática de liberdade e resistência. A descolonização do conhecimento, também revela a importância de articular uma ecologia de saberes que dê lugar às vozes historicamente silenciadas e subalternizadas.
Nesse sentido, torna-se ainda mais relevante considerar os desafios impostos aos educadores da infância, que atuam frequentemente em territórios marcados pela vulnerabilidade social, pelo descaso das políticas públicas e pela invisibilização de suas trajetórias formativas. Como afirmam Silva et al. (2024, p. 38)

O cenário de esquecimento com os jovens do campo por parte das políticas públicas contrasta com uma sociedade cada vez mais ancorada no conhecimento e na tecnologia, onde a certeza e a segurança são valores que parecem ter se tornado obsoletos.

Tal constatação reforça a necessidade de se pensar políticas e práticas formativas que estejam comprometidas com a realidade amazônica e com a valorização das experiências locais.
Além disso, autores como Paulo Freire e Miguel Arroyo contribuem para pensar a formação docente como um processo que respeita a pluralidade de trajetórias e reconhece os saberes construídos na prática cotidiana dos professores. Freire propõe uma educação dialógica e emancipatória, que parte da realidade dos educandos e educadores, enquanto Arroyo destaca a importância de reconhecer os professores como sujeitos de direito e de saber.
Assim, este projeto de pesquisa propõe-se a investigar experiências de formação e autoformação vividas por docentes da Educação Infantil em Manaus, articulando narrativas de vida, práticas pedagógicas e saberes locais com os referenciais teóricos decoloniais. Acredita-se que, por meio dessa investigação, será possível contribuir com o fortalecimento de práticas formativas mais coerentes com as especificidades socioculturais das Amazônicas e mais comprometidas com a justiça cognitiva e social.
A formação docente na Educação Infantil, em contextos periféricos como o da Amazônia, exige uma abordagem que transcenda o modelo técnico e prescritivo, sendo necessário compreendê-la como um processo político e histórico. Esse entendimento se

reflete na ideia de que a educação deve ser um campo de resistência, que reconhece e valoriza as experiências e saberes locais, muitas vezes marginalizados nas formas tradicionais de ensino.

Boaventura de Sousa Santos (2010) propõe uma crítica às hierarquias epistemológicas que estabelecem uma divisão entre o conhecimento produzido no Norte global e aquele originado no Sul, com este último sendo frequentemente desvalorizado. Ele defende que a descolonização do conhecimento exige um espaço onde as epistemologias locais possam ser reconhecidas como legítimas, fortalecendo um processo de formação docente que valorize esses saberes originários e populares.

Em sintonia com essa perspectiva, Catherine Walsh (2009) discute a necessidade de uma "insurgência pedagógica" que questiona as formas de conhecimento hegemônicas, as quais estão amplamente ancoradas em uma lógica eurocêntrica. Walsh argumenta que essa insurgência é fundamental para criar espaços educacionais mais inclusivos, que considerem a diversidade cultural e epistemológica dos alunos e educadores. Sua proposta enfatiza que a educação deve ser um espaço de desobediência epistemológica, desafiando o status quo e abraçando outras racionalidades.

Jorge Larrosa (2002), por sua vez, destaca a importância da "experiência" no processo educativo. Ele vê a experiência não como algo que se transmite, mas como algo que ocorre no encontro com o outro, no movimento de troca e transformação. Esse conceito é relevante para a formação de professores, pois desloca o foco da técnica para o processo de escuta, diálogo e reflexão.

Paulo Freire (1996), em sua pedagogia dialógica, reitera que ninguém educa ninguém isoladamente; a educação é um processo compartilhado, mediado pelo mundo. Nesse contexto, a formação de professores deve ser entendida como um processo coletivo e crítico, onde os educadores, ao dialogarem com seus contextos, podem refletir sobre suas práticas e transformar suas realidades.

Além desses autores, Miguel Arroyo (2004) também contribui com a ideia de que os saberes docentes são plurais e devem ser valorizados a partir das trajetórias e experiências individuais de cada educador. Ele enfatiza a importância de reconhecer as diferentes fontes de conhecimento que os professores trazem consigo, especialmente aquelas oriundas de suas vivências e das comunidades onde atuam.

O contexto amazônico, com suas particularidades culturais e sociais, exige que essas abordagens teóricas sejam adaptadas para compreender a formação docente em sua totalidade, respeitando e incorporando as especificidades locais. A formação de professores na Amazônia deve ser sensível às realidades indígenas, quilombolas e das populações tradicionais, como apontado por autores como Gersem Baniwa, Daniel Munduruku e Eliane Potiguara, que defendem a valorização das práticas pedagógicas dessas comunidades como formas legítimas de ensino e aprendizado. Assim, a formação docente deve ser um espaço de escuta e valorização das culturas e saberes regionais, de modo a criar uma educação mais justa e equitativa para todos. Reforçando a necessidade de uma educação que dialogue com os saberes ancestrais, respeite os modos de vida tradicionais e fortaleça as identidades culturais dos povos da floresta. Nesse sentido, o papel do professor na Educação Infantil não pode se limitar à aplicação de conteúdos curriculares padronizados, mas deve envolver-se ativamente com as culturas locais, em um processo de escuta, mediação e criação compartilhada de sentidos.

A pesquisa-formação, neste cenário, emerge como um caminho metodológico potente, pois se ancora nas experiências vividas e nas narrativas dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Ela propõe uma ruptura com a verticalização do saber, na qual o conhecimento é imposto de cima para baixo, e promove uma formação que parte das realidades locais, das práticas cotidianas e das reflexões coletivas. Trata-se de uma abordagem que reconhece o professor como autor de sua prática, sujeito de conhecimento e agente de transformação.

Ao colocar em evidência os contextos amazônicos, esta pesquisa compreende que os professores da Educação Infantil atuam em territórios marcados por desigualdades históricas, mas também por resistências e reexistências. A prática pedagógica, nesses es-

paços, é atravessada por desafios materiais, políticos e simbólicos, que precisam ser considerados em qualquer proposta formativa. A construção de uma pedagogia decolonial, nesse contexto, requer o reconhecimento da complexidade dos territórios amazônicos e da pluralidade dos saberes que neles circulam.

O processo de formação, portanto, não se restringe a momentos isolados ou a cursos de capacitação, mas se estende ao cotidiano das escolas, às trocas entre colegas, às práticas vivenciadas em comunidade e às reflexões que surgem do enfrentamento das dificuldades. É nesse tecido vivo de experiências que se produz a formação, como um movimento contínuo e situado, capaz de gerar sentidos e promover a construção de uma educação mais justa, plural e significativa.

Ao adotar essa perspectiva, a pesquisa busca contribuir para a ampliação do debate sobre a formação docente na Amazônia, propondo uma escuta atenta às vozes que historicamente foram silenciadas e marginalizadas pelos modelos formativos tradicionais. Entende-se que, para transformar a realidade educacional amazônica, é necessário começar por reconhecer e valorizar aquilo que já se faz nos territórios, aquilo que os professores já sabem e produzem, mesmo sem o aval das instituições acadêmicas hegemônicas. A formação de professores da Educação Infantil em Manaus não pode ser pensada fora de seu contexto sociocultural e político. Ela precisa estar comprometida com a construção de uma escola que respeite a diversidade, que dialogue com os territórios e que reconheça nos educadores sujeitos de conhecimento, capazes de reinventar a prática pedagógica em diálogo com os saberes da floresta, das águas, das comunidades e da cidade.

Este projeto adota uma abordagem qualitativa de pesquisa, com ênfase na pesquisa narrativa, que se configura como uma estratégia eficaz para investigar as experiências vividas dos sujeitos no contexto da formação docente na Educação Infantil. A pesquisa narrativa permite compreender, a partir das histórias e relatos dos próprios participantes, as formas pelas quais os professores percebem, vivenciam e transformam sua prática pedagógica. Nesse sentido, essa metodologia propõe-se a dar voz aos docentes, valorizando suas narrativas como fontes legítimas de conhecimento sobre o processo formativo.

A pesquisa narrativa é caracterizada pelo uso de relatos de vida, entrevistas em profundidade e observação participante, com o objetivo de acessar as experiências individuais e coletivas dos professores, suas trajetórias pessoais e profissionais, e as memórias que constroem o campo da educação na Amazônia. Segundo Clandinin e Connelly (2000), a pesquisa narrativa está fundamentada na crença de que as histórias que contamos sobre nossas vidas são essenciais para compreender as práticas e transformações que vivenciamos. Dessa forma, as narrativas não apenas descrevem os acontecimentos, mas também os significados que atribuímos a eles.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, nas quais os participantes serão incentivados a compartilhar suas trajetórias profissionais, suas experiências de formação e os desafios enfrentados na prática pedagógica. As entrevistas serão conduzidas de forma flexível, permitindo que os participantes se expressem livremente, sem a pressão de responder a perguntas padronizadas. Além disso, será realizada observação participante em algumas escolas de Educação Infantil, com o objetivo de captar o contexto no qual essas histórias se desenrolam e, assim, enriquecer as narrativas dos professores.

O trabalho de campo será realizado em escolas de Educação Infantil em Manaus (AM), buscando um olhar diversificado sobre os desafios e experiências vivenciadas por docentes em diferentes contextos. O foco da pesquisa será a escuta das histórias dos professores, explorando como esses profissionais articulam suas vivências com as políticas educacionais e as condições de ensino na região amazônica.

A análise dos dados será realizada a partir de uma leitura interpretativa, seguindo as diretrizes propostas por Ricoeur (1991), que defende a importância de uma hermenêutica narrativa para interpretar os significados das histórias compartilhadas. A análise envolverá uma reconstrução das narrativas,

identificando temas e padrões emergentes, como as influências das políticas educacionais locais, as práticas pedagógicas adotadas, as relações de poder no ambiente escolar e as estratégias de resistência e adaptação dos docentes.

Além disso, serão levados em consideração os conceitos de experiência, como definidos por Larrosa (2002), para compreender como as experiências de formação se articulam com as práticas cotidianas dos professores e as realidades socioculturais da região. A pesquisa narrativa, portanto, se configura como uma ferramenta potente para construir um entendimento mais profundo sobre a formação docente na Amazônia, ao centrar a análise nas vozes e perspectivas dos próprios professores.

A pesquisa busca também adotar uma postura ética de respeito às histórias e experiências dos participantes, garantindo o anonimato e a confidencialidade das informações compartilhadas, conforme as diretrizes éticas de pesquisa em Ciências Humanas. A participação será voluntária, e os participantes serão informados sobre os objetivos da pesquisa e seu direito de interromper a participação a qualquer momento.

A formação docente em perspectivas decoloniais surge como uma resposta crítica à historicidade da educação brasileira marcada por processos de colonização que ainda permeiam as práticas pedagógicas e os currículos escolares. Esse paradigma busca desconstruir saberes hegemônicos e eurocêntricos, valorizando os conhecimentos locais, indígenas, afrodescendentes e das comunidades tradicionais, especialmente em regiões como o Amazonas, onde a diversidade cultural é expressiva e singular. A proposta de formação docente sob essa ótica implica repensar não apenas o conteúdo ensinado, mas sobretudo a maneira como o professor compreende sua prática, seu papel social e sua relação com o contexto em que atua.

No cenário da educação infantil em Manaus, a aplicação de perspectivas decoloniais na formação de professores revela-se fundamental para enfrentar os desafios impostos pela pluralidade cultural da região amazônica. Os docentes atuam em contextos onde convivem diferentes etnias, línguas e tradições, o que demanda um olhar atento às especificidades locais para garantir uma educação que respeite e fortaleça a identidade dos estudantes e de suas comunidades. A pesquisa-formação emerge, nesse contexto, como uma metodologia que articula a investigação científica com a prática pedagógica, permitindo aos professores refletirem criticamente sobre suas experiências e construírem saberes contextualizados e transformadores.

A experiência de pesquisa-formação com professores da educação infantil no Amazonas evidencia a importância de romper com modelos educativos homogêneos e distanciados da realidade dos alunos. A formação decolonial valoriza o diálogo entre saberes tradicionais e científicos, promovendo o reconhecimento dos conhecimentos indígenas e ribeirinhos como fontes legítimas e essenciais para a construção do currículo. Assim, os professores passam a se posicionar não como transmissores de um conhecimento único e universal, mas como mediadores que reconhecem a pluralidade cultural e epistemológica presente em sala de aula.

Esse processo formativo tem impactos significativos na identidade profissional dos docentes. Ao se depararem com os paradigmas decoloniais, muitos professores reavaliam suas práticas, identificando a necessidade de incorporar conteúdos e metodologias que dialoguem com as experiências e vivências das crianças amazônicas. Isso implica uma desconstrução dos preconceitos e estereótipos construídos historicamente e a valorização da diversidade cultural como elemento central do fazer pedagógico. A formação, portanto, não se limita à aquisição de conhecimentos técnicos, mas envolve uma transformação profunda na visão de mundo dos educadores.

Outro aspecto relevante é a valorização da participação ativa dos professores no processo de pesquisa-formação. Essa abordagem colaborativa fortalece o protagonismo docente, incentivando a construção coletiva do conhecimento e o compartilhamento de experiências. Ao mesmo tempo, a pesquisa-formação possibilita uma aproximação entre universidade e escola, promovendo parcerias que enriquecem tanto a formação inicial quanto a continuada. Esse vínculo contribui para que as práticas pedagógicas

sejam constantemente revisadas e aprimoradas, atendendo às demandas específicas do contexto amazônico.

A articulação entre teoria e prática é um ponto crucial nesse tipo de formação. Os professores são convidados a refletir criticamente sobre suas ações em sala de aula, analisando as implicações sociais, culturais e políticas de suas escolhas pedagógicas. A perspectiva decolonial estimula uma postura ética e política comprometida com a justiça social, a valorização das culturas originárias e a superação das desigualdades estruturais. Nesse sentido, a formação docente torna-se um espaço de resistência e transformação, onde os educadores constroem caminhos para uma educação mais democrática e inclusiva.

A dimensão intercultural é central na formação em perspectiva decolonial. Considerando a diversidade presente no Amazonas, a escola precisa ser um espaço que acolha as diferenças e promova o respeito mútuo entre as culturas. Os professores formados nessa perspectiva desenvolvem competências para mediar conflitos, dialogar com as diversas formas de conhecimento e criar ambientes educativos que valorizem as identidades dos alunos. Isso contribui para a construção de uma educação que respeite a pluralidade cultural como um patrimônio coletivo a ser preservado e celebrado.

Além disso, a pesquisa-formação em perspectiva decolonial enfatiza a importância de reconhecer as condições sociais e econômicas que afetam a vida das crianças e suas famílias na região amazônica. O processo formativo não pode desconsiderar as desigualdades, a pobreza e os desafios ambientais que impactam diretamente o desenvolvimento infantil e o acesso à educação. Dessa forma, os professores são preparados para atuar de forma integrada, considerando aspectos sociais e comunitários que influenciam o processo educativo.

Outro elemento significativo é o fortalecimento das práticas pedagógicas que incorporam a ludicidade, a oralidade e as tradições locais, aspectos fundamentais para a educação infantil. A valorização das manifestações culturais regionais, como contação de histórias, cantos, danças e brincadeiras tradicionais, enriquece o currículo e aproxima as crianças do seu universo cultural. Essa valorização contribui para a formação de sujeitos críticos, conscientes de suas raízes e aptos a construir sua identidade cultural com segurança e autoestima.

A formação docente em perspectivas decoloniais também promove a problematização dos processos de colonização que marcaram a história da Amazônia, incentivando os professores a abordar essas temáticas de forma crítica e reflexiva com as crianças, respeitando sua faixa etária e contexto. Isso amplia a compreensão sobre as dinâmicas de poder, os impactos ambientais e as lutas das populações tradicionais, promovendo uma educação contextualizada e engajada socialmente.

É importante destacar que a implementação dessas perspectivas exige mudanças estruturais nas políticas públicas de educação, contemplando investimentos em formação continuada, valorização do professor e produção de materiais didáticos contextualizados. O compromisso com a formação decolonial deve estar alinhado a ações que promovam a equidade educacional e a participação democrática das comunidades escolares.

Em síntese, as experiências de pesquisa-formação com professores da educação infantil em Manaus, sob a ótica decolonial, mostram-se fundamentais para a construção de uma educação mais plural, crítica e inclusiva. Elas possibilitam a construção de saberes que respeitam e valorizam as especificidades culturais da região amazônica, fortalecendo a identidade dos sujeitos envolvidos e promovendo práticas pedagógicas mais sensíveis e contextualizadas.

A partir dessas experiências, fica evidente que a formação docente decolonial é um processo contínuo, que demanda abertura para o diálogo, reflexão constante e compromisso ético-político. É por meio dessa formação que os professores podem contribuir para a construção de uma educação que reconheça as múltiplas vozes e histórias presentes no Brasil, promovendo uma verdadeira transformação social.

Portanto, investir em formação docente que incorpore as perspectivas decoloniais é investir em uma educação que rompe com as amarras do passado colonial e abre espaço

para um futuro mais justo, diverso e democrático. Essa formação é essencial para que a escola cumpra seu papel de espaço de resistência, valorização cultural e construção de cidadania plena, especialmente em contextos tão ricos e desafiadores como o da educação infantil no Amazonas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que a formação docente em perspectivas decoloniais, quando ancorada nas experiências e saberes locais dos professores da Educação Infantil no Amazonas, potencializa práticas pedagógicas mais significativas, críticas e contextualizadas.

O diálogo entre teoria e prática, sustentado por uma escuta sensível e respeitosa às realidades amazônicas, mostrou-se essencial para desconstruir modelos formativos eurocentrados e abrir caminhos para novas epistemologias. As vivências compartilhadas no processo de pesquisa-formação revelaram a potência de uma docência comprometida com a transformação social e com a valorização das identidades locais.

Assim, reforça-se a necessidade de políticas públicas que reconheçam e incentivem propostas formativas enraizadas nas territorialidades e nas culturas dos povos da região. Este trabalho, portanto, contribui para a ampliação do debate sobre educação decolonial e o papel dos professores na construção de uma escola mais justa, plural e comprometida com a realidade onde está inserida.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Ofícios de mestre: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2013.

BANIWA, Gersem. A educação escolar indígena como direito dos povos indígenas. Brasília: MEC, 2006.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Narrative inquiry: a methodology for studying lived experience. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

LARROSA, Jorge. Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MUNDURUKU, Daniel. A sabedoria das águas. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

POTIGUARA, Eliane. Metade cara, metade máscara. Rio de Janeiro: Global Editora, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

SILVA, Camila Ferreira da et al. A Educação nas Amazônias sob os olhares de jovens investigadores/as. Belém: RFB, 2024.